

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BENSAÚDE, Joaquim (Ponta Delgada, 1859 – Lisboa, 1952)

Joaquim Bensaúde nasceu no seio de uma família hebraica que migrou no século XIX de Marrocos para a ilha de S. Miguel, nos Açores, onde se estabeleceu e veio a criar uma vasta cadeia de negócios diversificados. Sabemos que seu avô, Abraham Ben Saud, ali se estabeleceu em 1818 ou 1819, tacteando uma forma de vida à qual o espaço marroquino oferecia cada vez mais dificuldades, e à qual a Europa abria os braços, depois da Revolução Francesa e, sobretudo, depois do vendaval napoleónico que terminou em 1815. Mesmo em Portugal – onde as perseguições aos judeus tiveram uma ferocidade enorme nos séculos XVI e XVII – a atmosfera abria-se aos filhos de Israel, com ventos de tolerância religiosa e, sobretudo, novas concepções sobre a economia e a riqueza das nações, que entendiam o desenvolvimento como o resultado do comércio livre e da concorrência. Abraham Ben Saud obteve a nacionalidade portuguesa em 1830, e a carta de naturalização indica-o como Abraham Bensod, um nome que a língua portuguesa rapidamente arredondou à medida do seu conforto vocálico para o apelido de Bensaúde. O seu filho mais velho ainda nasceu em Casablanca, mas os restantes já viram a luz em solo açoriano integrando a segunda geração da comunidade israelita recém-chegada, transbordando a energia inerente à convicção de estar a inaugurar uma nova era.

O grande obreiro do império Bensaúde e o responsável pela educação cultural e formação técnica dos filhos seria José Bensaúde, o filho mais novo do patriarca da família e pai de Joaquim Bensaúde. Digamos que foi o exemplo de um homem fascinado com a ideia de desenvolvimento própria daqueles tempos, que soube amar a cultura e a vida, entendendo-a como um processo de valorização permanente, com um instrumento fundamental no livro e no estudo. José Bensaúde mostrou um esmero muito particular na educação dos seus filhos, levando-os a estudar no estrangeiro, e escolhendo a Alemanha para o fazer, por conselho de Antero de Quental. Em 1874, a mulher e os filhos estabeleceram-se em Hanôver, onde Joaquim frequentou a Escola Técnica Superior, obtendo o diploma de engenheiro civil em 1884. Com esta qualificação profissional trabalhou em Londres, em Cette (França) e, a partir de 1890, em Lisboa. Dirigia as obras do porto de Alcochete, quando foi atacado pela Malária, que o deixou temporariamente incapacitado e o levou a um retiro na Suíça, para completa recuperação.

Foi por esta altura que iniciou os seus estudos mais aprofundados sobre a História de Portugal e, nomeadamente, a História dos Descobrimentos. Interessou-se, sobretudo, pelos fundamentos científicos



das navegações portuguesas, colocando a tónica no desfazer da lenda criada por Alexander Humboldt, algumas décadas antes, de que o saber náutico português de quinhentos tinha origem alemã e chegara a Lisboa com o alemão Martin Behain, que para ali levava o conhecimento e os livros de Regiomontano. Joaquim Bensaúde seguia assim o trilho traçado nos anos quarenta do século XIX, pelo Visconde de Santarém, quando publicou as *Recherches sur la priorité de la découverte des Pays sur la côte Occidental d'Afrique*. Contudo, o cerne das suas investigações situar-se-ia na história da ciência náutica, propriamente dita, tomando como ponto de partida um texto náutico português, do século XV, que encontrara na Biblioteca Municipal de Munique. Em boa verdade – como o próprio nos diz –, os seus estudos começaram pouco depois de 1890, quando tomou contacto com os estudos de Meyer Kayserling e, sobretudo, de Moritz Steinschneider (*Die Hebräischen...*, 1893), que o alertaram para a obra de Abraão Zacuto e de outros astrónomos judeus da Península Ibérica. E ao associar estes estudos com o documento que encontrou em Munique desenvolveu a ideia de que o conhecimento náutico português, do período da Expansão, tinha origem diferente da que anunciara Humboldt, permitindo-lhe contestar de forma categórica a sua teoria com a publicação, em 1912, do estudo *L'Astronomie Nautique au Portugal a l'Époque des grandes Découvertes*. Basicamente, Bensaúde provou que a documentação náutica portuguesa do final do século XV e princípio do XVI, nomeadamente as tábuas solares e a técnica da sua utilização para o cálculo da latitude no mar, nada tinham a ver com os trabalhos de Regiomontano, nem tinham chegado à Península pela mão de Martin Behaim. O texto de Munique – hoje conhecido como *Regimento Náutico de Munique* – é o mais antigo documento náutico português impresso, e as tábuas solares, nele contidas, têm origem no *Almanach Perpetuum* de Abraham Zacuto, traduzido de hebraico para latim por José Vizinho e publicado em Leiria no ano de 1496. E isso coloca-as numa tradição astronómica ibérica, de origem árabe, que passou pela corte de Afonso X e chegou ao século XV pela via de astrónomos peninsulares, alguns deles de origem judaica, que tiveram assento na corte de D. João II.

Os estudos mais relevantes de Joaquim Bensaúde, nas primeiras décadas do século XX, centraram-se em assuntos de ciência náutica e da astronomia, beneficiando de um conhecimento aprofundado da matemática, que aprendeu no âmbito da sua formação em engenharia. E beneficiou, certamente, da sua vivência na Europa Central e do domínio da língua alemã, francesa e inglesa, que facilitaram o acesso às bibliotecas, proporcionando a publicação dos trabalhos numa língua mais acessível aos historiadores europeus, a quem queria provar os erros de Humboldt. A especificidade desses estudos e os conhecimentos acessórios que exigiam fizeram com que Reis Torgal o classificasse num grupo de historiadores especialistas da ciência náutica portuguesa (*História da História...*, vol I, p. 229 e ss.). Na verdade a temática exigia conhecimentos específicos, que Bensaúde dominava melhor do que qualquer outro, mas animou-o, sobretudo, a ideia de revelar uma nova dimensão do conhecimento náutico português, que sustentou as viagens oceânicas dos séculos XV e XVI.

Os seus trabalhos estão marcados por um sentido patriótico profundo, potenciado pela origem judaica da sua família, que o impele para a valorização dos sábios hebreus peninsulares, que viveram nas cortes de



Portugal e Castela até às expulsões da viragem do século. Lendo a biografia de seu pai, escrita pelo irmão (A. Bensaúde, *Vida de José Bensaúde*, 1936) compreendemos bem esta dinâmica de uma família que sonha com a modernidade e encontra o seu espaço de desenvolvimento no país que o acolheu e que lhe abriu as portas do êxito. Um país que aprenderam a amar intensamente, desenvolvendo o sentimento de serviço patriótico que caracterizou Joaquim Bensaúde e que de algum modo terá a ver com a sua associação, em 1919, à Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, dirigida por Fidelino de Figueiredo.

Nos anos trinta, Bensaúde propõe-se reconstruir a linha evolutiva do processo da Expansão portuguesa, com o estudo de duas figuras determinantes, que foram o Infante D. Henrique e D. João II. *Lacunés et surprise de l'Histoire des Découvertes Maritimes* (1930) foi o mais significativo trabalho que publicou sobre o reinado do Príncipe Perfeito. Porém, julgo ter sido mais marcante, sob o ponto de vista historiográfico, a interpretação que fez sobre a figura do Infante. Na sua ideia, a sanha guerreira de D. Henrique é a mesma força com que impulsionou as navegações ao longo da costa africana, no século XV, e deve-se a um espírito de cruzado, de inspiração medieval, despojado de interesses materiais e sem outro sentido que não seja desalojar o sarraceno do Norte de África e dos lugares sagrados do Médio Oriente. Tomando esta imagem como ponto de partida (preconcebido), as explorações desenvolvidas ao longo da costa ocidental africana, não poderiam ter outro objectivo que não fosse alcançar o Oriente e libertar a Terra Santa, atribuindo ao Infante um precoce plano das Índias. A pista já tinha sido alvitrada, de forma alegórica, por Damião de Góis e Camões, mas assumia agora a lógica de um raciocínio histórico que apresentou numa conferência realizada na Exposição de Sevilha, em 1930, tendo já publicado o texto em francês, no ano anterior (*Origine du plan des Indes...*, 1929). O texto mereceu uma resposta de Duarte Leite, com o artigo "Talant de bien faire" (*História dos Descobrimentos*, vol I, p. 67), evidenciando a forma como Bensaúde deixara de analisar os interesses económicos do Infante e da Ordem de Cristo nas explorações africanas, sucedendo-se duas novas cartas de Bensaúde, compondo um debate relevante (e bastante educado) pela forma como se contrapõem duas formas de olhar, seleccionar e analisar os factos para elaborar o discurso Histórico (*A cruzada do infante...*, 1942, p. 77).

Joaquim Bensaúde foi membro titular fundador da Academia Portuguesa de História, eleito em 22 de Dezembro de 1937, publicando, ao longo de cerca de cinco décadas de trabalho historiográfico intenso, algumas dezenas de trabalhos sobre a História da Expansão Portuguesa.

Bibliografia activa: *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des Grandes Découvertes*, Bern, Akademische Buchhandlung von Max Drechsel, 1912 ; *Regimento do Estrolabio e do Quadrante, Tractado da Spera do Mundo*, Introdução e comentário de Joaquim Bensaúde, Munich, Carl Kuhn, 1914; Abraão Zacuto, *Almanach Perpetuum Celestium Motuum (Radix 1473)*, Reprodução fac-similada da edição de Leiria de 1496, Edição de Joaquim Bensaúde, Munich, J. B. Obernetter, 1915; *Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Découvertes Maritimes Portugaises*, Genève, Imprimerie A. Kundig, 1917-1920 ; *Origine du plan des indes. Études sur l'Histoire des Découvertes Maritimes*, Coimbra, Imprensa da Universidade,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1929 ; *Lacunet et Surprises de l'Histoire des Découvertes Maritimes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930 ; *A cruzada do Infante D. Henrique*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943; *Opera Omnia*, Apresentação de Joaquim Veríssimo Serrão, 5 vols, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1995.

Bibliografia passiva: BENSÁUDE, Alfredo. *Vida de José Bensaúde*, Porto, Litografia Nacional, 1936; CORRÊA, Manuel de Mello. *Subsídios para a Genealogia da família Bensaúde*, separata de *Armas e Troféus*, Tomo IV, Janeiro-Março de 1976, Lisboa, 1976; GODINHO, Vitorino Magalhães, *Ensaios*, 1ª Ed., Vol II, Lisboa, Sá da Costa, 1968, pp. 65-96; LEITE, Duarte. “O Infante D. Henrique. Talent de bien faire”, in *História dos Descobrimentos, Colectânea de esparsos*, vol I, Lisboa, Edições Cosmos, 1959, pp. 67-96; SILVA, Azevedo, “O Engenheiro-Historiador Joaquim Bensaúde”, in *A Historiografia dos Descobrimentos através da correspondência entre alguns dos seus vultos*, coordenação de João Marinho dos Santos e José Azevedo e Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004, pp. 65-110; STEINSCHNEIDER, Moritz, *Die Hebräischen Übersetzungen des Mittelalters und die-Juden als Dolmetscher*, Berlin, Bibliographisches Büro, 1893; TORRALBA, Luís Reis, MENDES, José Amado, CATROGA, Fernando. *História da História em Portugal, Séculos XIX e XX*, 2 vols, Lisboa, Temas e Debates, 1998.

Jorge Semedo de Matos



APOIOS:

